

O voto bolsonarista no DF e o desafio para a esquerda reconquistar maioria em 2026

Gabriel Santos Elias - Cientista Político · julho de 2026 · base: TSE (votação e perfil do eleitorado por seção, 2006–2022), Codeplan/Censo 2022; cenário 2026 conforme fontes citadas ao final.

Sumário executivo

Contexto:

- O DF deu a Bolsonaro 69,99% no 2º turno de 2018 e 58,81% em 2022, 14,9 e 9,7 pontos acima do desempenho nacional dele; o de 2018 é o maior percentual de um presidenciável na capital desde a redemocratização.
- Cenário inédito em 2026: Bolsonaro preso em Brasília; Flávio Bolsonaro candidato presidencial do campo; possível dobradinha Michelle Bolsonaro e Bia Kicis ao Senado pelo DF apoiando a Governadora Celina Leão.
- O relatório reconstrói, com dados por local de votação de cinco ciclos presidenciais (2006–2022), o que sustenta esse voto e o que a esquerda precisaria mover para disputar a maioria.

Seis conclusões:

1. O anti-petismo de alta renda é anterior ao bolsonarismo (Aécio fez 61,9% aqui em 2014); a hegemonia atual veio da adesão da periferia consolidada pós-2014: o Gama caiu de 67% para 30% de voto petista entre 2006 e 2018.
2. O eleitorado do PT trocou de classe: a correlação do voto petista com a renda territorial foi de $-0,73$ (2006) e $-0,84$ (2014) para $+0,48$ (2022): hoje Lula é mais forte na Asa Norte do que em Samambaia.
3. O bolsonarismo opera em três circuitos: plebiscitário de massa (popular, majoritário na periferia), ideológico (Kicis e Manzoni, elite escolarizada, $+0,97$ e $+0,93$ com a renda) e evangélico (Damares, 45% transversais a todas as classes).
4. O núcleo demográfico do voto de massa é o homem de 25 a 59 anos com ensino médio, e a assinatura não mudou de 2018 para 2022 (correlação de 0,90 entre os resíduos territoriais).
5. A recuperação de Lula em 2022 (+11,2 sobre Haddad) foi socialmente invertida: maior no Plano rico do que na periferia pobre; o estoque recuperável está na periferia oeste (Ceilândia, Taguatinga, Gama, Samambaia).
6. A maioria exige 156 mil votos além dos de 2022; o estoque nos locais-alvo soma 210 mil: virada possível no limite, improvável sem combinar reconquista popular, mobilização diferencial e defesa do teto no Plano.

1. Como o DF vota: a série 2006–2022

A tabela reúne a série completa por região administrativa. Três fatos saltam. O patamar petista caiu de 57,0% (Lula, 2006) para 30,0% (Haddad, 2018) e devolveu pouco em 2022 (41,2%). A queda foi mais funda onde o PT era mais forte: Gama (–36,7 pontos entre 2006 e 2018), Ceilândia (–33,4), Planaltina (–30,5). E a recuperação de 2022 foi maior onde o PT sempre foi mais fraco: +15,3 no Sudoeste, +13,3 no Lago Sul, contra +7,5 na Estrutural.

Região administrativa	Renda (R\$)	Lula 06	Dilma 10	Dilma 14	Had. 18	Lula 22	Δ PT 18→22	Bols. 22	Válidos 22
Lago Sul	19.529	–	31,5	19,7	27,5	40,7	+13,3	59,3	32.930
Sudoeste/Octogonal	14.019	42,0	43,2	22,5	30,3	45,6	+15,3	54,4	25.052
Asa Sul	13.282	42,5	42,7	28,2	34,7	47,4	+12,7	52,6	64.880
Asa Norte	13.282	47,2	47,0	31,3	37,8	49,7	+11,9	50,3	91.295
Lago Norte	11.900	–	37,8	25,9	33,5	46,5	+13,0	53,5	24.117
Águas Claras	11.322	–	50,8	28,6	28,6	41,3	+12,6	58,7	83.034
Jardim Botânico	10.371	–	43,8	26,7	32,1	46,0	+13,9	54,0	10.666
Guará	7.868	55,4	54,4	35,4	31,2	43,3	+12,1	56,7	87.888
Cruzeiro	7.727	59,0	58,1	37,5	31,9	43,2	+11,4	56,8	28.779
Vicente Pires	6.110	–	–	–	23,3	32,3	+9,0	67,7	12.236
Sobradinho	5.677	60,9	57,6	39,5	30,6	41,9	+11,3	58,1	80.956
Taguatinga	5.030	57,8	56,1	36,6	27,4	38,0	+10,6	62,0	192.047
Sobradinho II	4.936	58,7	48,4	41,1	29,4	41,1	+11,7	58,9	23.263
Núcleo Bandeirante	4.700	48,0	47,1	30,5	28,5	39,5	+11,0	60,5	32.911
Candangolândia	3.870	55,9	49,2	35,8	26,8	37,7	+10,8	62,3	11.715
Riacho Fundo	3.844	52,6	47,5	34,5	24,9	35,5	+10,5	64,5	26.636
Gama	3.705	67,0	60,7	45,9	30,3	41,4	+11,1	58,6	104.513
Samambaia	3.157	53,5	45,0	36,8	25,1	36,0	+10,9	64,0	132.027
Santa Maria	3.098	59,1	49,6	41,9	28,0	40,1	+12,1	59,9	79.549
Brazlândia	2.893	65,8	59,7	41,9	28,5	38,0	+9,5	62,0	39.989
Ceilândia	2.797	63,4	59,0	44,9	30,0	39,9	+10,0	60,1	242.478
Riacho Fundo II	2.685	–	50,4	40,4	27,1	38,4	+11,3	61,6	25.806
Planaltina	2.669	62,4	58,2	44,5	31,9	43,3	+11,4	56,7	108.319
Itapoã	2.604	–	40,7	41,5	34,8	44,5	+9,7	55,5	15.556
Paranoá	2.446	48,9	43,0	40,7	32,1	42,9	+10,8	57,1	44.399
Recanto das Emas	2.234	–	48,1	41,1	28,5	39,8	+11,3	60,2	69.565
São Sebastião	2.132	–	53,4	45,0	36,2	46,4	+10,2	53,6	58.203
Varjão	2.101	–	–	37,5	36,1	45,2	+9,1	54,8	3.518
SCIA/Estrutural	1.628	–	37,0	32,6	27,2	34,7	+7,5	65,3	17.917

Share do candidato do PT no 2º turno por RA (% dos válidos); renda domiciliar média (Codeplan/Censo 2022, corrigida conforme nota metodológica); Bolsonaro 2022 e recuperação 2018→2022. 2006 omitido onde a cobertura territorial é insuficiente.

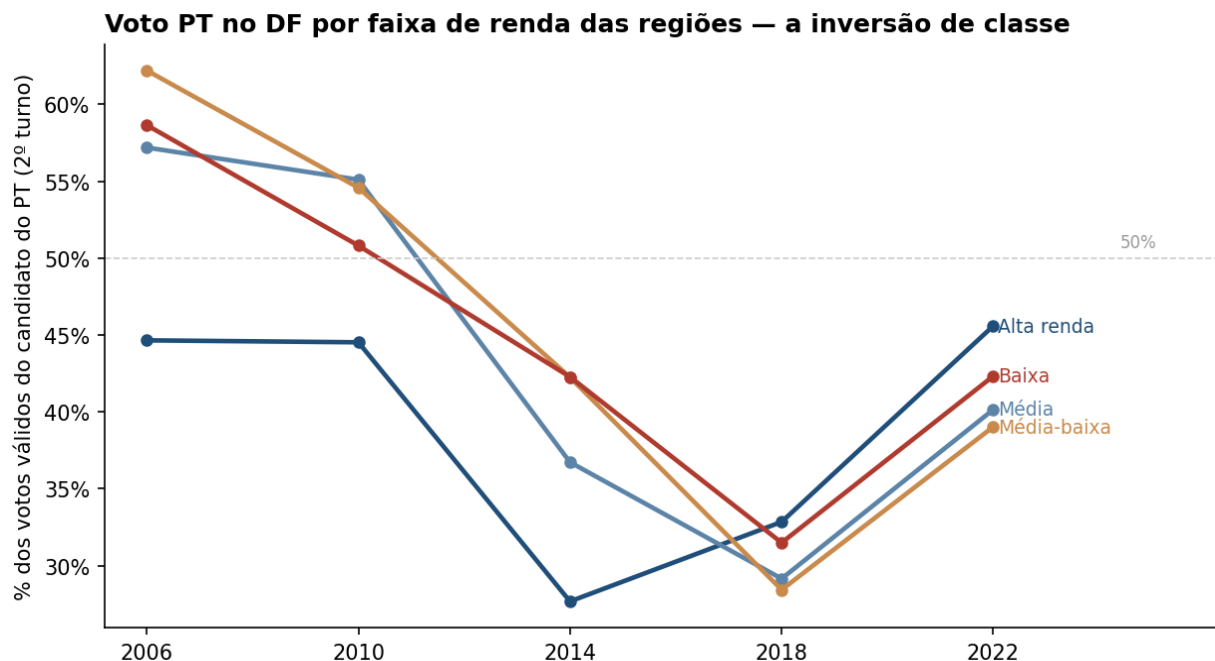


Figura 1. Share do PT no 2º turno por faixa de renda das RAs: as linhas se cruzam entre 2014 e 2018.

A comparação com o país dimensiona o problema. O DF sempre foi alguns pontos mais anti-petista que o Brasil no 2º turno, mas a distância explodiu em 2014 (−13,5 pontos) e 2018 (−14,9) e recuou apenas parcialmente em 2022 (−9,7). Se a distância de 2022 se repetir em 2026, um Lula com 52% no país teria cerca de 42% no DF; para a esquerda disputar a maioria na capital, precisa ao mesmo tempo de uma onda nacional favorável e de uma redução própria dessa distância, coisa que só a periferia devolve.

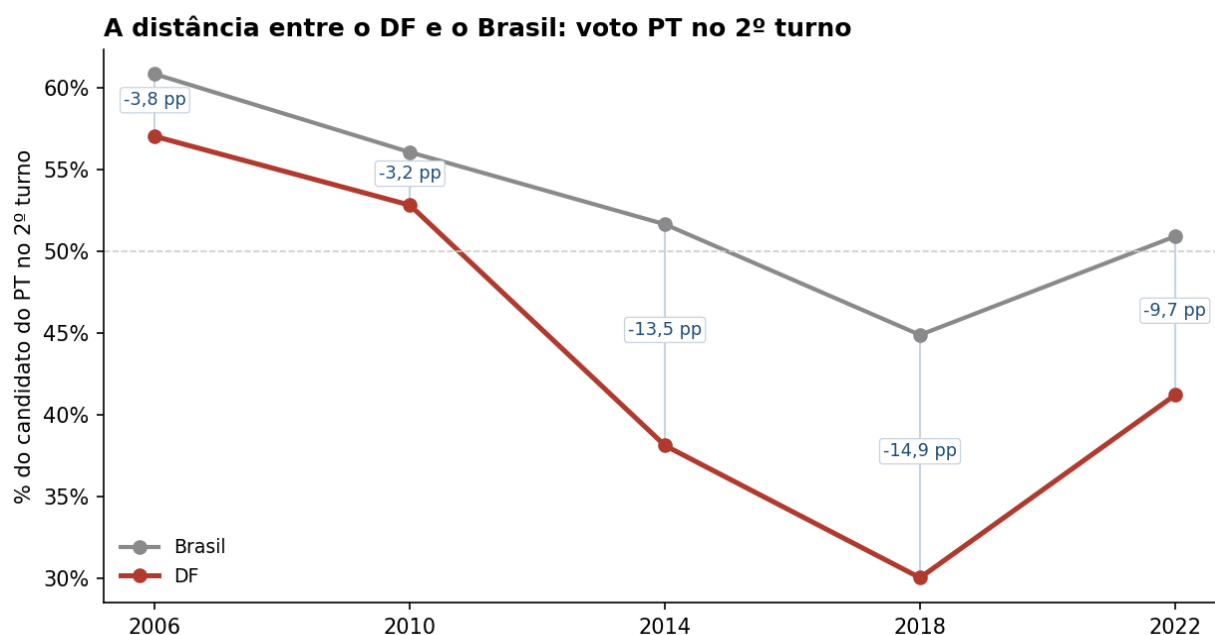


Figura 2. Voto PT no 2º turno, DF × Brasil, com a distância em pontos.

Lula x Bolsonaro no 2º turno de 2022, por local de votação



Mapa 1. Lula x Bolsonaro no 2º turno de 2022, por local de votação (área $\propto$ votos válidos). O vermelho se concentra no Plano expandido e na periferia leste; a periferia oeste e o sul votam azul.

2. Anatomia do voto bolsonarista

2.1 Três circuitos, três geografias

O bolsonarismo do DF não é um bloco. O circuito plebiscitário, medido pelo 2º turno, é hoje majoritário e mais forte quanto mais pobre a região (correlação $-0,48$ com renda): 65,3% na Estrutural, 64,5% no Riacho Fundo, 64,0% em Samambaia, contra 50,3% na Asa Norte. O circuito ideológico, medido pelos votos de Bia Kicis (214.733 em 2022, a deputada federal mais votada do DF, 13,1% dos válidos) e Thiago Manzoni (25.554, 9º distrital), é o espelho invertido: correlações de $+0,97$ e $+0,93$ com a renda, concentrado nos colégios particulares de Águas Claras, Lago Sul, Sudoeste e Asa Sul, eleitorado de ensino superior e mais de 40 anos. O circuito evangélico, medido por Damarens (714.562 votos ao Senado, 45,0% dos válidos), é o único transversal: correlação de $-0,03$ com renda, presente em praticamente todos os locais de votação do DF com share quase constante.

Três bolsonarismos: o plebiscitário, o evangélico e o ideológico

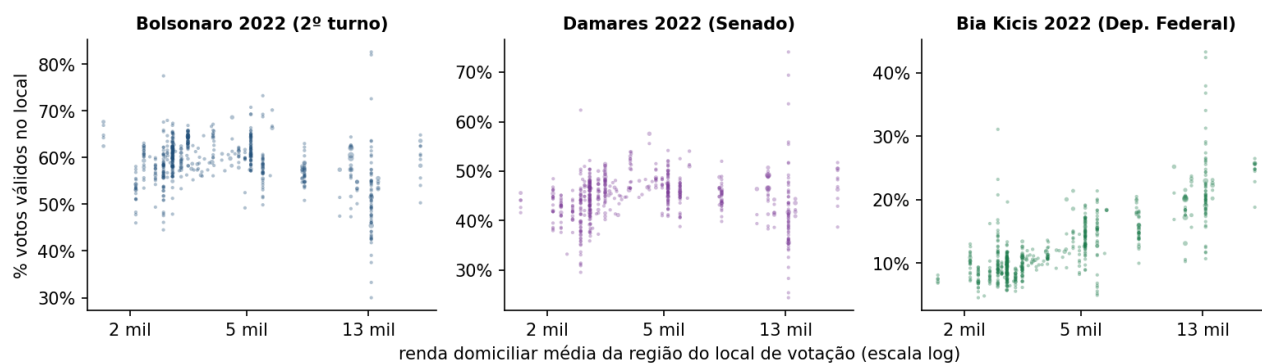


Figura 3. Share por local de votação contra renda regional: Bolsonaro (2T) cai com a renda, Damarens é constante, Kicis cresce.

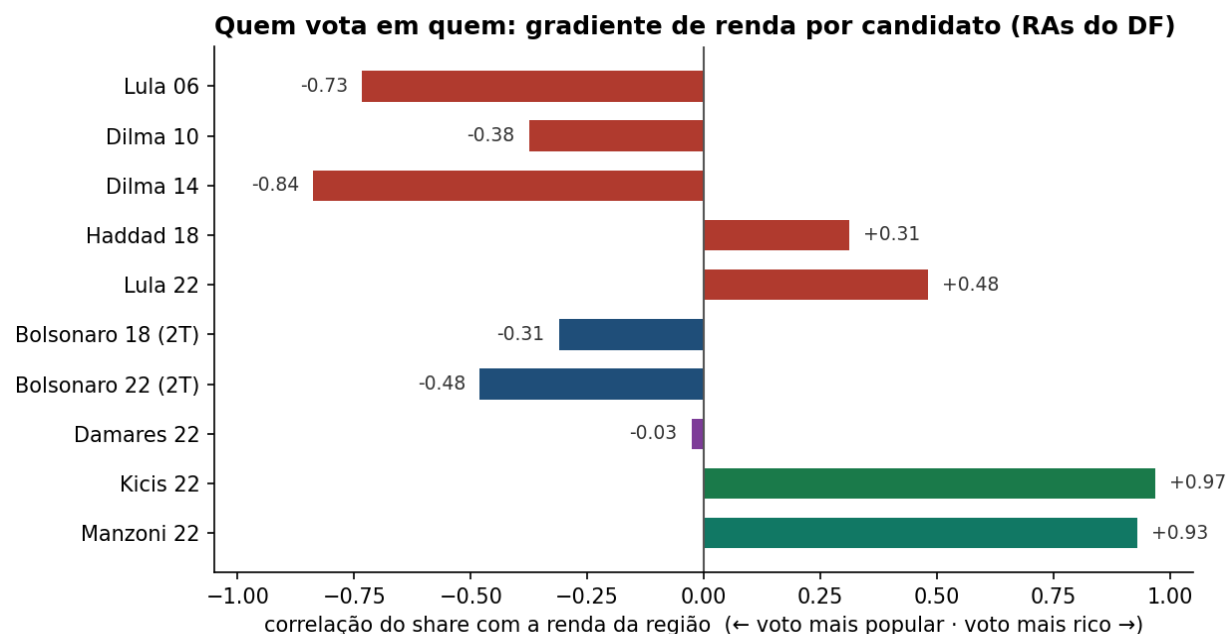
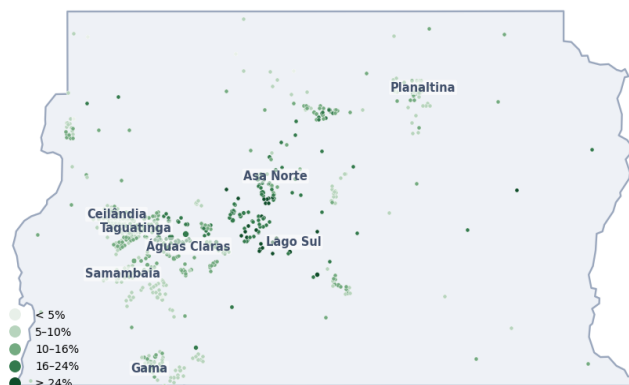


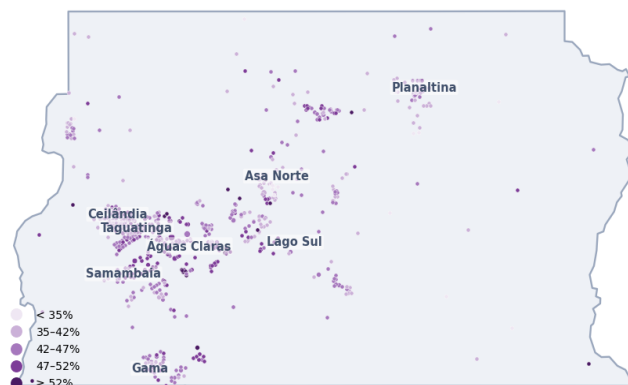
Figura 4. Correlação do share de cada candidato com a renda da região (RAs, ponderada por votos).

Dois bolsonarismos, duas geografias: o ideológico concentra, o evangélico se espalha

Bia Kicis 2022 (dep. federal) — circuito ideológico



Damarens 2022 (Senado) — circuito evangélico



Mapa 2. Kicis concentra-se em Águas Claras, Lago Sul e Plano expandido; Damarens mantém share alto em quase todos os locais do DF.

2.2 A demografia: homem, adulto, ensino médio

Modelado sobre o perfil do eleitorado de cada local (gênero, idade, escolaridade, cadastro do TSE do ano da eleição), o voto de Bolsonaro no 1º turno tem assinatura estável: cada 10 pontos a mais de eleitorado feminino custam 5,7 pontos de share (2018) ou 5,8 (2022); cada 10 pontos de jovens de 16 a 24, cerca de 3,4; e, tomado o ensino médio como referência, tanto o superior quanto o fundamental reduzem o share nos dois anos. O eleitor médio bolsonarista do DF não é o de elite nem o da base da pirâmide: é o homem adulto de escolaridade média da periferia consolidada. O poder explicativo do modelo (R^2 de 0,36 a 0,39) é metade do que a mesma equação alcança para Kicis ou Manzoni: o voto de massa atravessa perfis; o ideológico, não.

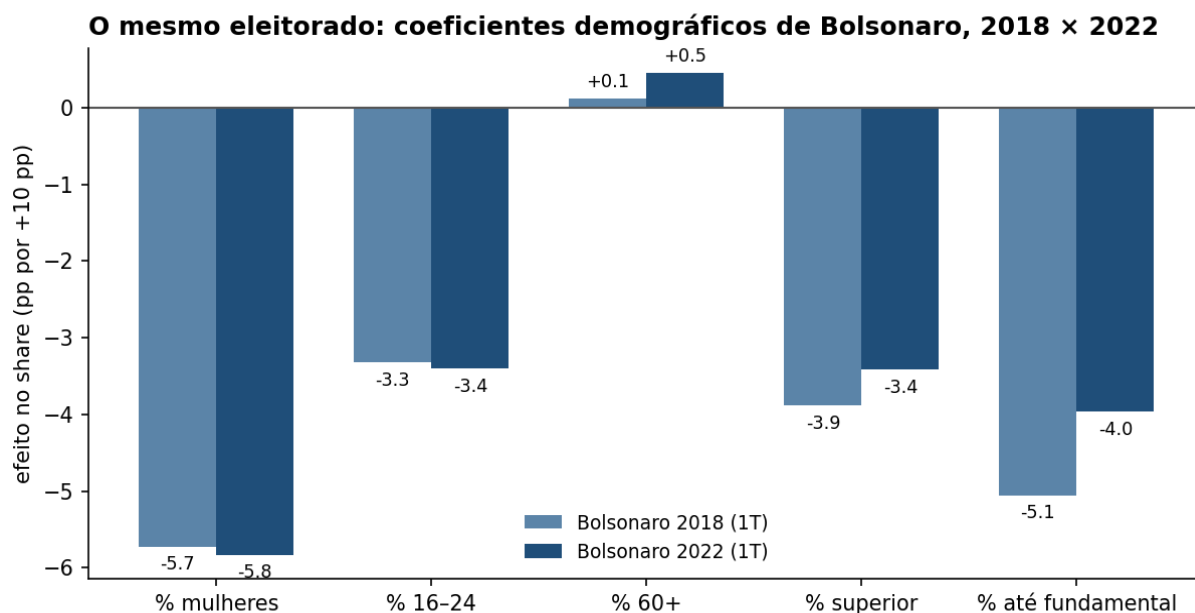


Figura 5. Coeficientes demográficos de Bolsonaro no 1º turno, 2018 × 2022 (pp de share por +10 pp da variável).

2.3 A geografia fina é rígida

A correlação entre os resíduos territoriais de 2018 e 2022 (o quanto Bolsonaro ficou acima ou abaixo do que o perfil demográfico de cada local prevê) é de 0,90: a geografia fina do bolsonarismo não se moveu. Ele sobreperforma de modo persistente em três territórios: o militar (seções do SMU e da Vila do RCG, 20 a 25 pontos acima do previsto; o CEF 102 Norte, que concentra o entorno do Setor Militar), o rural e de condomínios (Sobradinho, Vicente Pires, PAD-DF, com aprofundamento em 2022 no cinturão Queima Lençol e Engenho Velho) e bolsões evangélico-populares, com a Vila Estrutural como caso exemplar: sobreperformance nas duas eleições apesar do perfil de escolaridade mais baixo do DF. E subperformance, também de modo persistente, num único endereço: a Asa Norte universitária (UnB 21 pontos abaixo do previsto em 2018, 22 em 2022; quadras 400 entre -10 e -18).

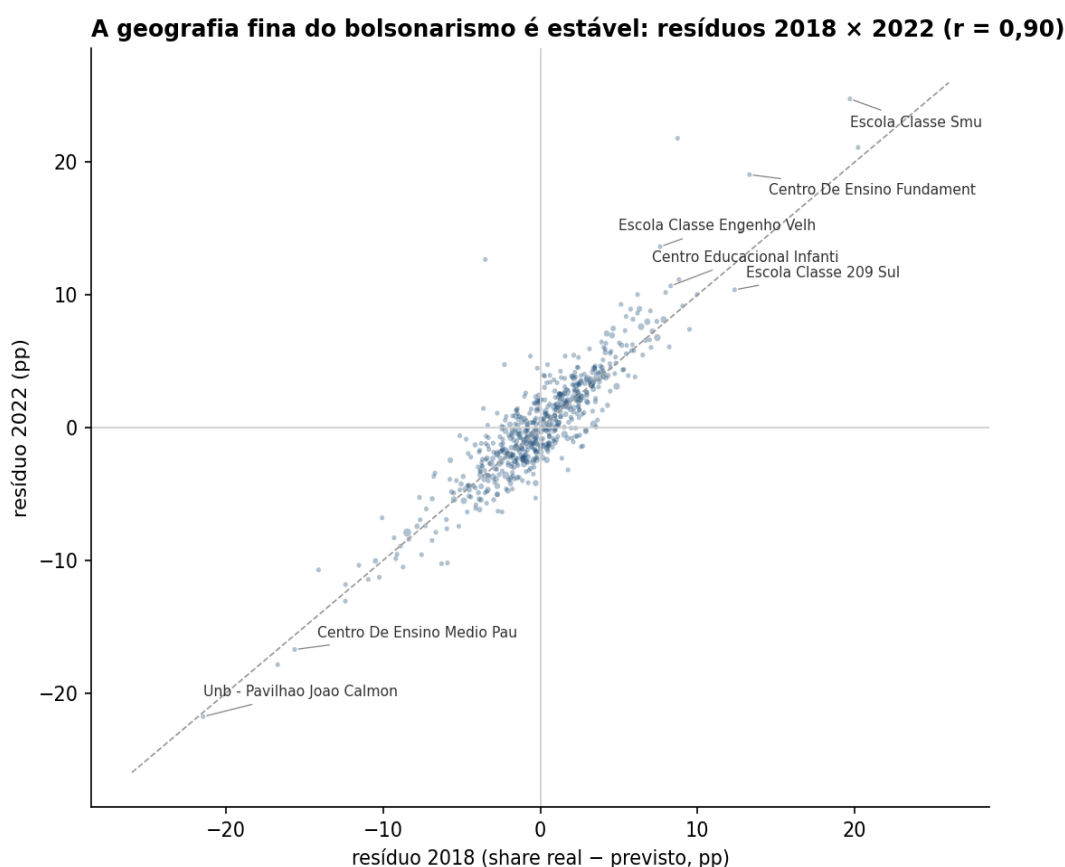
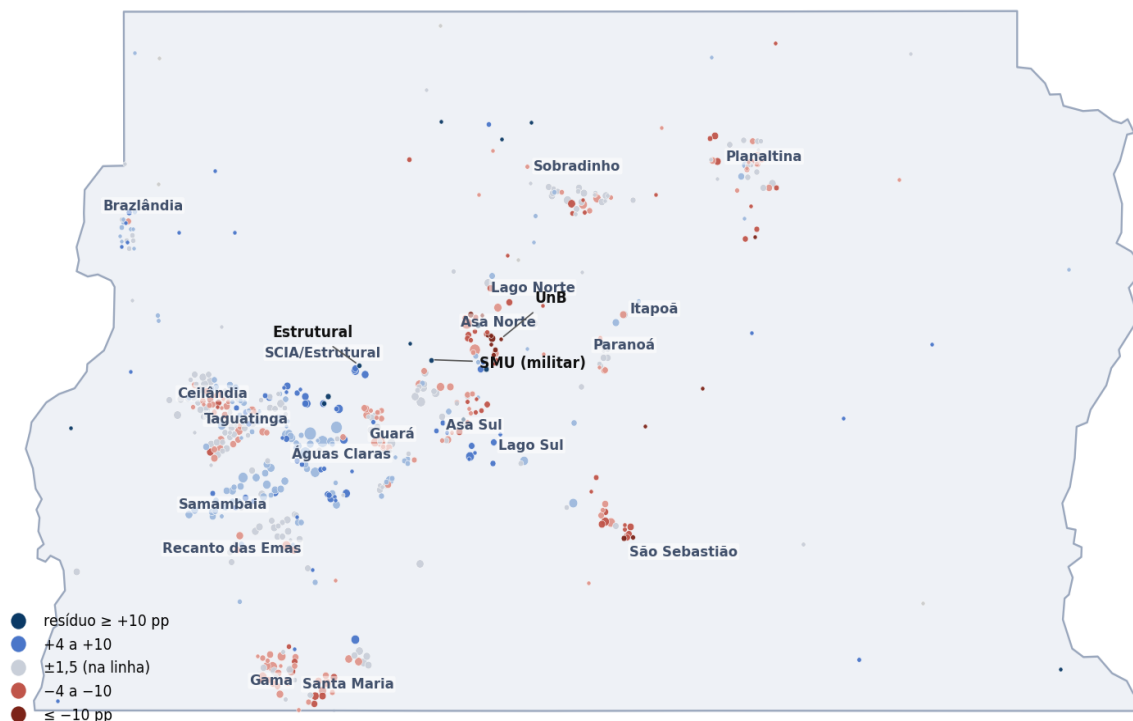


Figura 6. Resíduo demográfico por local, 2018 × 2022: a diagonal indica persistência ($r = 0,90$).

Onde Bolsonaro rende mais (azul) e menos (vermelho) do que o perfil demográfico prevê — 1º turno 2022



Mapa 3. Resíduo demográfico de Bolsonaro (1º turno de 2022): azul onde rende acima do perfil do eleitorado (SMU, cinturão rural, Estrutural, Vicente Pires), vermelho onde rende abaixo (Asa Norte/UnB, São Sebastião urbano, rural de Planaltina).

2.4 O bolsonarismo do DF em 2026

O quadro de 2026 concentra no DF tudo o que o campo bolsonarista tem de mobilizável. Bolsonaro, condenado a 27 anos e 3 meses pela trama golpista, cumpre pena na sala de Estado-Maior do 19º Batalhão da PM, no complexo da Papuda: o corpo do líder está fisicamente em Brasília, e a prisão virou ponto de romaria política do campo. Flávio Bolsonaro é o candidato presidencial ungido pela carta de dezembro de 2025. Michelle Bolsonaro e Bia Kicis devem compor a chapa do PL ao Senado pelo DF, unindo num mesmo palanque local o circuito evangélico (Michelle fala diretamente ao eleitorado que deu 45% a Damares) e o ideológico (Kicis migra ao majoritário e abre espaço no proporcional, onde Manzoni disputa a vaga federal exatamente sobre a mesma base de elite escolarizada). Para a esquerda, isso significa enfrentar em 2026 um bolsonarismo distrital com máxima densidade simbólica e organizativa, capaz de puxar comparecimento próprio nos três circuitos ao mesmo tempo.

3. O que aconteceu com a esquerda no DF

O eleitorado petista trocou de rosto em três dimensões medíveis. Gênero: o coeficiente feminino do voto PT sobe monotonicamente de -0,2 (2006) para +5,8 (2022); o voto de esquerda do DF é hoje fortemente feminino, espelho da masculinização bolsonarista. Idade: jovens de 16 a 24 eram neutros até 2014 e viram marcador de esquerda a partir de 2018 (+3,0 a +3,3); o 60+, que ajudava Lula em 2006, hoje pende ao outro lado. Escolaridade: o superior

custava ao PT 5,6 pontos por cada 10 em 2006–2010 e passou a somar (+3,4 em 2022), com o fundamental também positivo: o voto de Lula ficou bimodal, forte nos dois extremos educacionais e fraco no meio, exatamente onde o bolsonarismo é hegemônico. Os resíduos territoriais mostram que essa migração não foi um choque de 2018: já em 2014 as maiores sobreperformances de Dilma estavam na Asa Norte universitária, e Samambaia e Estrutural já entregavam menos do que o perfil prometia.

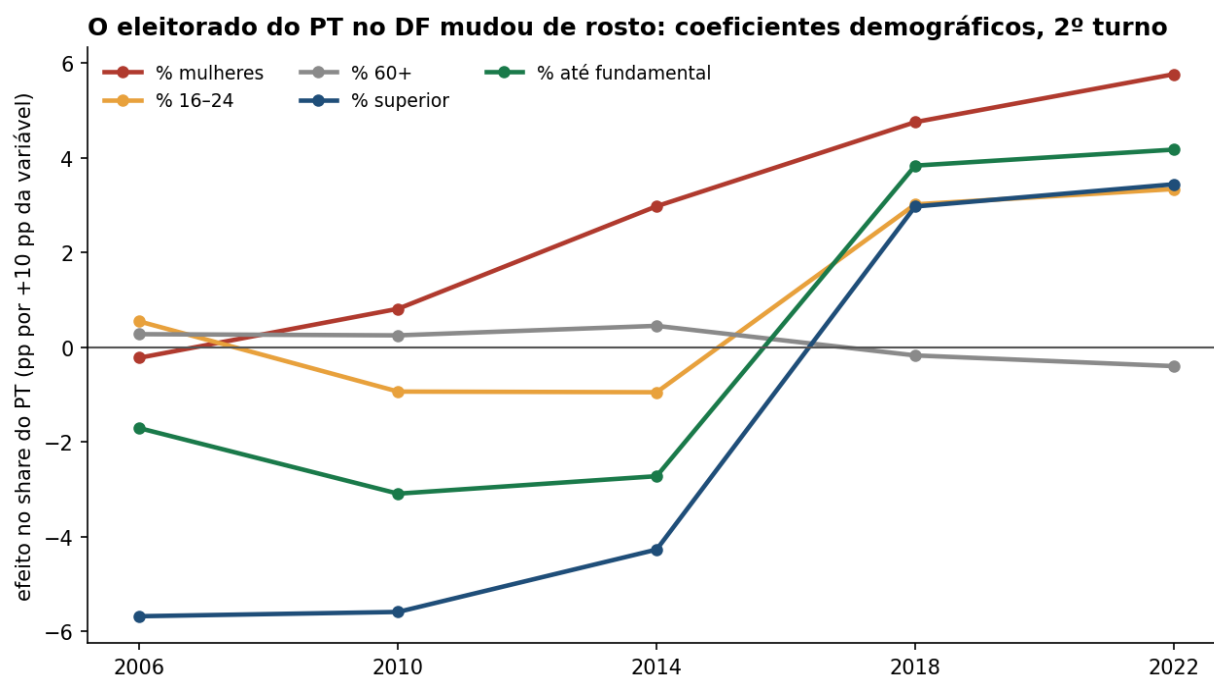


Figura 7. Coeficientes demográficos do candidato do PT no 2º turno, 2006–2022.

Geograficamente, restou à esquerda um arquipélago: o Plano expandido, onde Lula chegou perto do teto (49,7% na Asa Norte, único território que ele venceu no 1º turno de 2022), e a periferia leste (São Sebastião 46,4%, Varjão 45,2%, Itapoã 44,5%, Paranoá 42,9%), que caiu menos porque nunca teve os picos da periferia oeste. Entre os dois, o deserto: a periferia consolidada do oeste e do sul, que já foi o coração do lulismo no DF e hoje é a base da maioria bolsonarista. A Estrutural condensa o problema: RA mais pobre do DF, 51,5% com Lula em 2006, 34,7% em 2022, o pior share da cidade, com sobreperformance bolsonarista persistente nos modelos demográficos.

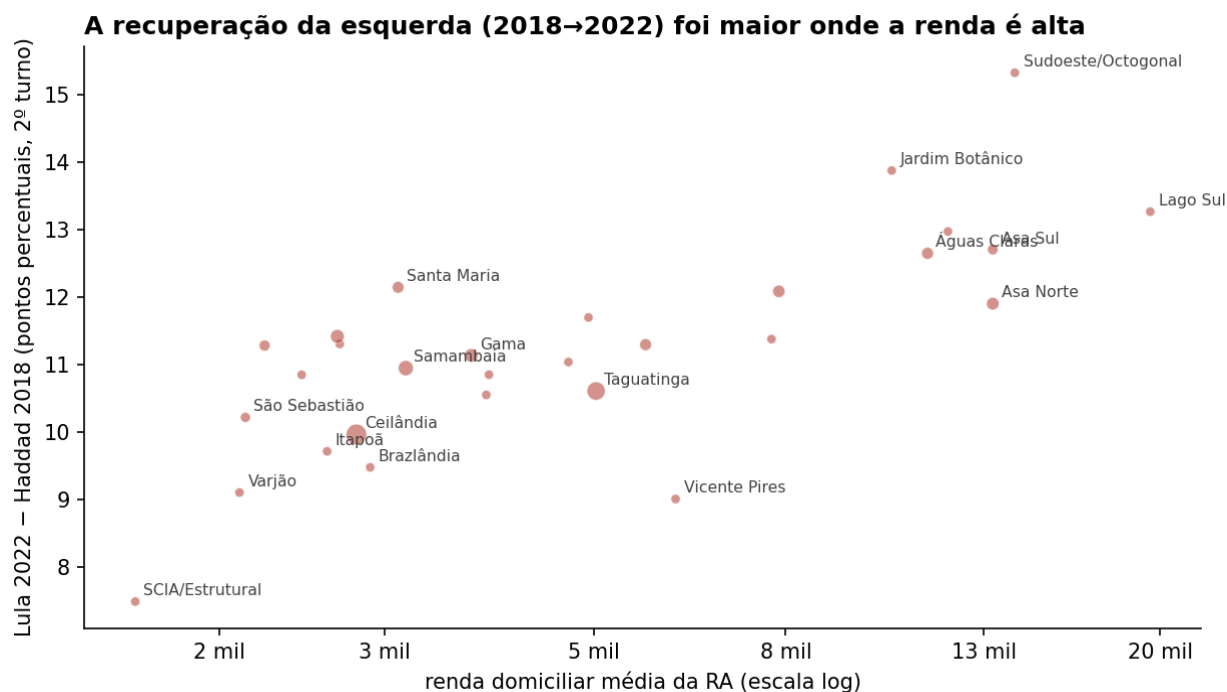


Figura 8. Recuperação 2018→2022 por RA contra renda: a esquerda recuperou o Plano, não a periferia.

4. A matemática de 2026

Sobre a base de 2022 (1.770.626 válidos no 2º turno), a maioria exige 885 mil votos; Lula teve 729 mil. Faltam 156 mil votos, ou 8,8 pontos. O estoque de voto recuperável identificado nos locais-alvo de tipo 1 (renda regional baixa, Bolsonaro acima de 55%, share de Lula abaixo do pico histórico do PT na RA) soma 210 mil votos, concentrados em Ceilândia (55 mil), Taguatinga (38 mil), Gama (27 mil), Samambaia (23 mil), Planaltina (16 mil) e Santa Maria (15 mil). A tabela traduz isso em cenários.

Cenário (base: válidos do 2º turno de 2022)	Share de Lula	Leitura
Resultado real de 2022	41,2%	déficit de 156 mil votos para a maioria (8,8 pp)
Captura de 25% do estoque tipo 1 (53 mil votos)	44,2%	esforço concentrado nos ~180 locais elegíveis da periferia oeste
Captura de 50% do estoque tipo 1 (105 mil)	47,1%	exigiria reversão política de fundo no eleitorado evangélico-popular
Captura de 75% do estoque tipo 1 (158 mil)	50,1%	teto teórico: devolveria ao PT o patamar de 2010 na periferia

Simulações estáticas sobre os válidos de 2022; não incorporam crescimento do eleitorado nem mudança de comparecimento.

Dois complementos mudam a conta nas margens. Primeiro, a mobilização diferencial: a razão entre válidos e eleitores aptos é sistematicamente menor nas RAs onde Lula é relativamente melhor (Estrutural 75,8%, Itapoã 75,9%, São Sebastião 78,8%, Paranoá 78,9%) do que no Plano e adjacências (Asa Norte 84,1%, Taguatinga 85,3%). Como o eleitor que falta é mais jovem e mais pobre que o votante médio desses locais, elevar comparecimento na periferia leste e entre jovens da oeste rende votos líquidos à esquerda sem converter ninguém.

Segundo, o risco simétrico: a chapa Michelle-Kicis foi desenhada para puxar comparecimento bolsonarista nos circuitos evangélico e ideológico; defender o teto do Plano (onde Lula já extrai acima do perfil há uma década) e o patamar da periferia leste é condição para que a reconquista da oeste não seja anulada por mobilização adversária.

A leitura honesta dos números nacionais disponíveis (Lula à frente no 1º turno nas séries de maio e junho, 2º turno entre empate técnico e vantagem de nove pontos, conforme o instituto) é que a maioria no DF em 2026 é cenário de limite: exigiria capturar cerca de três quartos do estoque identificado, ou combinações equivalentes de conversão e mobilização.

5. Quem migra para Lula: o alvo certo, ainda a confirmar

As pesquisas nacionais de 2026 não mostram uma onda migratória: no cenário de repetição de 2022 (Lula × Bolsonaro) da AtlasIntel/Bloomberg, medido em fevereiro, março e abril, as bases seguem presas: entre 90% e 92% de quem votou em Bolsonaro fica no campo dele, e só cerca de 1% declara Lula. O que se move é líquido e de classe: Lula ganha terreno de forma consistente entre eleitores de baixa escolaridade (de 40% para 50% no ensino fundamental), de baixa renda (até R\$ 2.000), jovens de 25 a 34 anos e no Centro-Oeste, região bolsonarista que amolece de 29% para 34%. É a base popular que escorregou para Bolsonaro em 2022 voltando a se dizer Lula, por via econômica; a fortaleza do adversário não anda: evangélicos (66% a 73%), classe média e Sul.

Para o DF, isso aponta para o lugar certo, e é a leitura que importa. O déficit da esquerda na capital não está no Plano expandido escolarizado, onde Lula já chega perto, e sim na periferia oeste de ensino médio, o desafio-mestre da seção 6. É exatamente esse público, popular e de baixa escolaridade, que a recomposição nacional recupera. Se o movimento se generalizar ao DF, ele incide sobre a maior reserva de voto recuperável do mapa, o estoque tipo 1 da seção 7, e não sobre onde a esquerda já é forte. A periferia, o terreno mais difícil, é também o de maior retorno potencial, e a recuperação nacional de Lula mira precisamente ali.

A trava é que a periferia do DF é a exceção dentro da exceção: o terreno de resíduos mais persistentes deste relatório, com um bolsonarismo que não é só econômico e sim mediado por igreja (Damares com 45% transversais), funcionalismo e segurança pública. O motor da recomposição nacional é a renda, e sua parte útil é o eleitor popular secular; na periferia do DF ela esbarra no muro evangélico, que nacionalmente também não anda. O único recorte demográfico do DF disponível reforça a cautela: nos cruzamentos de aprovação do governador, o eleitor de baixa renda do DF é o que mais aprova a gestão, e o católico reprova mais que o evangélico, sinal de que o popular do DF pode não se comportar como o popular nacional. Por isso o enquadramento é de alvo, não de conclusão: o movimento nacional mira exatamente o buraco do Lula no DF, mas as pesquisas são nacionais e não abrem a capital, e a periferia tem amarras próprias que o dado agregado não vê. Quem decide é medir: uma pesquisa da periferia oeste com recorte de renda, religião e escolaridade dirá se o retorno popular do Lula está chegando aqui ou se a mediação evangélica e a rigidez territorial seguram. É a próxima pergunta de campo, e a de maior valor estratégico.

6. Cinco desafios, em ordem de dificuldade

Reconquistar o eleitor de ensino médio da periferia oeste. É o desafio-mestre, do qual os demais derivam. O núcleo bolsonarista de massa (homem, 25–59, ensino médio, Ceilândia-Taguatinga-Gama-Samambaia) não é ideológico no sentido do voto Kicis: seu share de Kicis fica na metade do que ela faz no Plano expandido. É voto plebiscitário, sensível a economia, serviço e presença, e foi do PT até 2014. Os 20 locais da tabela do capítulo 6 somam 25 mil votos de estoque só neles.

Atravessar a mediação evangélica. Damares com 45% transversais e Michelle no palanque local dizem a mesma coisa: parte da perda popular da esquerda é conversão religiosa consolidada, não humor econômico. Sem interlocução própria com o eleitorado evangélico periférico, especialmente as mulheres (o diferencial de gênero é o maior ativo da esquerda: +5,8 por cada 10 pontos de eleitorado feminino), o estoque tipo 1 tem teto bem abaixo dos 210 mil.

Mobilizar onde já se ganha. A abstenção é maior exatamente na periferia leste lulista e entre os jovens. Campanha de comparecimento em São Sebastião, Paranoá, Itapoã, Estrutural e nos locais universitários vale alguns pontos sem disputa de convencimento, e é o único movimento que o adversário não pode neutralizar diretamente.

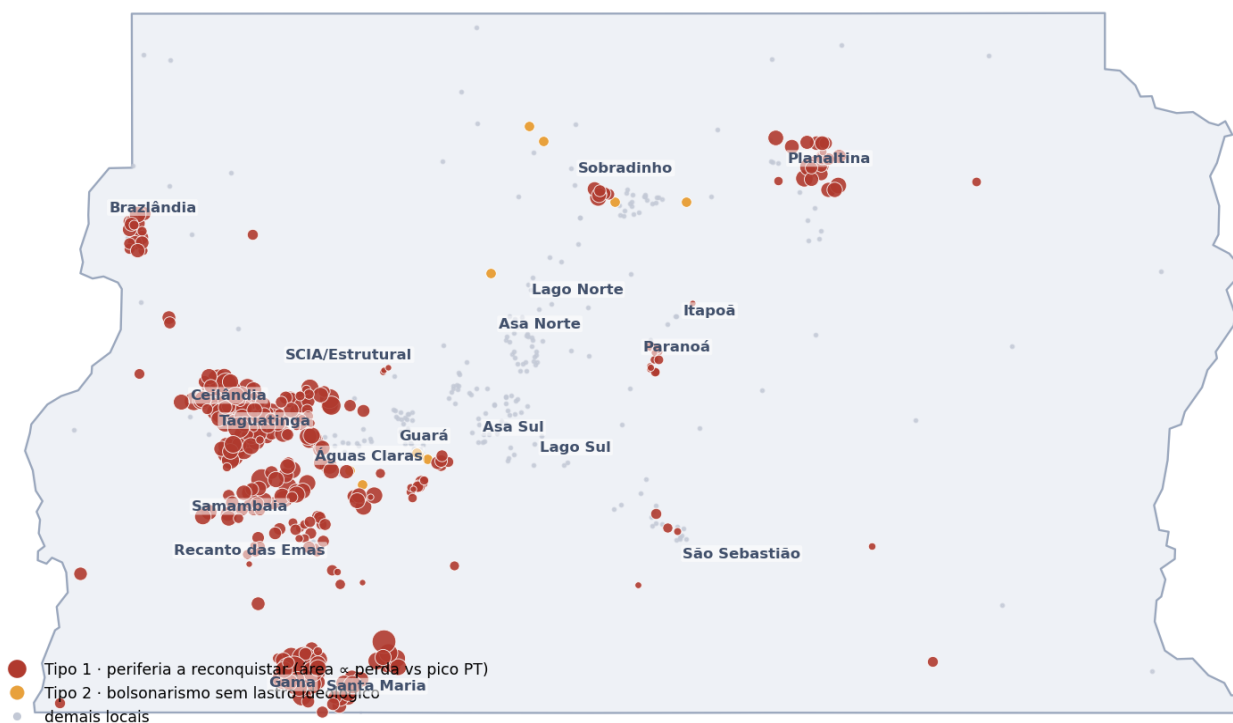
Defender o teto do Plano contra a chapa majoritária do PL. Michelle-Kicis ao Senado é um vetor de comparecimento conservador também na classe média. O Plano está no teto histórico da esquerda; mantê-lo já é trabalho, e o modelo mostra que ali a esquerda performa acima do perfil demográfico há uma década, ou seja, o ganho marginal restante é pequeno.

Não desperdiçar recurso no que não se move. O eixo militar (SMU, RCG, entornos), o cinturão rural-condomínio de Sobradinho e Vicente Pires e o bolsonarismo de elite de Águas Claras e Lago Sul têm resíduos positivos persistentes e densidade organizativa própria, agravados em 2026 pela romaria à Papuda. São os territórios onde cada real de campanha rende menos; a disciplina de não disputá-los é parte da estratégia.

7. Onde focar: os alvos

Reproduzem-se as listas operacionais do projeto. Tipo 1: locais de renda regional baixa com Bolsonaro acima de 55% e maior perda acumulada em relação ao pico do PT na RA; é a lista da reconquista popular. Tipo 2: locais onde Lula ficou abaixo do que o perfil demográfico prevê e o voto ideológico é fraco; é a lista do voto bolsonarista menos organizado, mais sensível a conjuntura. Seções militares e institucionais foram excluídas.

Os alvos da reconquista: onde a esquerda tem voto a recuperar



Mapa 4. Os alvos no território: tipo 1 em vermelho (área $\propto$ perda ante o pico do PT), tipo 2 em laranja. O arco Ceilândia–Taguatinga–Samambaia–Gama concentra o estoque.

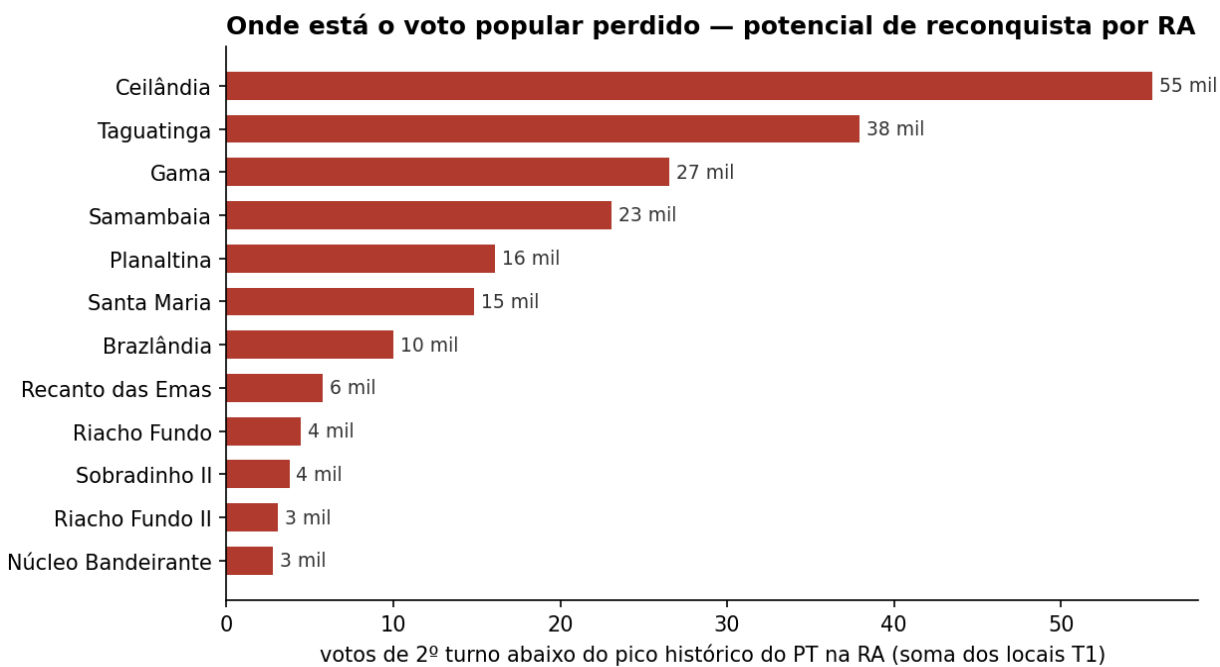


Figura 9. Estoque recuperável (tipo 1) por RA, em votos de 2º turno.

Tipo 1 · os 20 maiores estoques da periferia

#	Local de votação	RA	Válidos 2T-22	Bols. 22	Lula 22	Pico PT (RA)	Perda (votos)
1	Centro de Ensino Medio 02	Gama	7.486	59%	41%	67%	1.948
2	Centro de Ensino Fundamental 01 do Gama	Gama	6.040	60%	40%	67%	1.620
3	Centro de Ensino Fundamental Santos Dumont	Santa Maria	5.828	69%	31%	59%	1.618
4	Centro de Ensino Fundamental 19	Ceilândia	5.413	62%	38%	63%	1.373
5	CCI Sênior	Samambaia	7.631	65%	35%	53%	1.372
6	CED 08 - Centro Educacional 08	Gama	5.434	58%	42%	67%	1.337
7	Centro de Ensino Médio 09	Ceilândia	5.177	62%	38%	63%	1.312
8	Centro de Ensino Medio 01 do Gama	Gama	5.579	56%	44%	67%	1.297
9	Centro Educacional 14 (Antigo CE 15)	Ceilândia	4.825	63%	37%	63%	1.288
10	Centro Educacional 05-(CEF 25)	Ceilândia	5.903	58%	42%	63%	1.273
11	Centro Ensino Fundamental 04 do Gama	Gama	4.934	59%	41%	67%	1.263
12	CEF 10	Gama	4.796	59%	41%	67%	1.232
13	Escola Classe 01 do Gama	Gama	4.421	61%	39%	67%	1.230
14	Centro Interescolar de Linguas - CIL	Gama	4.787	58%	42%	67%	1.210
15	Escola Classe 33	Ceilândia	4.436	64%	36%	63%	1.199
16	Centro de Ensino Fundamental 31 (Antigo CE 17 e 53)	Ceilândia	4.620	62%	38%	63%	1.189
17	Colégio DJ	Taguatinga	4.237	69%	31%	58%	1.147
18	CEM 03	Gama	4.349	58%	42%	67%	1.099
19	Centro de Ensino Fundamental 07	Ceilândia	4.930	58%	42%	63%	1.076
20	Colégio Liceu	Taguatinga	4.809	64%	36%	58%	1.070

Tipo 2 · bolsonarismo sem lastro ideológico

#	Local de votação	RA	Válidos 2T-22	Bols. 22	Lula 22	Kicis 22	Gap (votos)
1	Centro Educacional Fercal	Sobradinho	2.044	69%	31%	6%	183
2	Centro de Educação Infantil	Águas Claras	1.981	64%	36%	11%	131
3	Escola Classe Engenho Velho	Sobradinho	1.233	69%	31%	8%	117
4	Colegio Rogacionista	Guará	5.280	59%	41%	13%	103
5	Escola Classe Vila Areal	Águas Claras	1.766	63%	37%	10%	95
6	Centro de Ensino Fundamental 10	Guará	1.519	63%	37%	12%	85
7	Escola Classe Granja do Torto	Asa Norte	1.854	61%	39%	12%	58
8	Escola Classe 16 de Sobradinho - Nova Colina	Sobradinho	2.619	61%	39%	11%	36

Fercal, Gama urbano, Guará popular, Brazlândia e Areal: Bolsonaro acima de 60% com Kicis entre 6% e 13%.

Nota metodológica

Votação por seção eleitoral do TSE (2006, 2010, 2014, 2018, 2022), agregada por local de votação e RA via bairro do cadastro de locais; 2º turno como métrica comparável entre ciclos; cobertura territorial de 100% dos votos em 2010–2022 e 77,7% em 2006. Totais conferidos com os resultados oficiais na casa decimal (Lula 56,96% em 2006; Aécio 61,90% em 2014; Bolsonaro 69,99% em 2018 e 58,81% em 2022). Perfil demográfico do eleitorado por local do cadastro do TSE do ano de cada eleição; modelos WLS do share sobre % mulheres, % 16–24, % 60+, % superior e % até fundamental (referência: homem, 25–59, médio), ponderados por válidos, mínimo de 200 por local. Renda domiciliar média por RA da base Codeplan/Censo 2022 anexada pelo projeto FF2026, com correção documentada de um erro de pareamento que atribuía renda da Asa Sul a locais do Gama, Brazlândia e parte de Planaltina (reimputação por regressão sobre escolaridade e idade, R^2 0,86). Estoque tipo 1: diferença entre o pico do PT na RA (2006–2014) e o share de Lula 2022 no local, multiplicada pelos válidos, somada sobre locais elegíveis. As simulações do capítulo 4 são estáticas. Análise ecológica: descreve territórios, não indivíduos. Datasets, scripts e listas completas em dados_eleitorais/ no repositório do projeto.

Fontes

TSE, Portal de Dados Abertos (votação por seção; perfil do eleitor por seção; eleitorado por local de votação). Codeplan/Censo 2022 via projeto FF2026. Conferência de resultados: TSE/TRE-DF e Metrôpoles (série de 2º turno no DF). Cenário 2026: Wikipedia/imprensa sobre a candidatura de Flávio Bolsonaro (carta de dez/2025) e pesquisas Indexa (mai/2026: Lula 39%, Flávio 30% no 1º turno), BTG/Nexus (2º turno 46%–45%) e Vox Brasil (46,8%–38,1%); STF e Agência Brasil sobre a situação prisional de Bolsonaro (condenação a 27 anos e 3 meses; cumprimento no 19º BPM/Papuda desde 25/11/2025; domiciliar humanitária de mar/2026 e posterior negativa); Exame, JOTA e Gazeta do Povo sobre o quadro distrital (Celina Leão e Leandro Grass ao governo; Ibaneis e Leila ao Senado; dobradinha Michelle-Kicis do PL). Migração por segmento (capítulo 5): AtlasIntel/Bloomberg, pesquisas nacionais de fevereiro, março e abril de 2026 (cenário de repetição de 2022, com cruzamentos demográficos e recall de voto). Endereços completos na conversa do projeto.